

## Variação das vogais pretônicas em assentos de casamentos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo do Rio São Francisco do século XVIII

*The variation of pretonic vowels in marriage seats in the Freguesia de  
Santo Antônio do Urubu de Baixo do Rio São Francisco of the 18th  
century*

Lécio Barbosa de Assis\*

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil*

Emerson Viana Braga\*\*

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil*

Vera Pacheco\*\*\*

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil*

Jorge Augusto Alves da Silva\*\*\*\*

*Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, Brasil*

FLP 23(2)

**Resumo:** O artigo apresenta, como objeto de estudo, a variação das vogais pretônicas em assentos de casamentos do século XVIII, com o objetivo de analisar a variação das vogais pretônicas através dos processos fonológicos (alçamento e abaixamento) e por variações ortográficas e etimológicas com o intuito de observar de qual maneira esses processos se desencadeavam nos livros de registros paroquiais da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo do sertão do São Francisco. Embasando-nos na Linguística Histórica – sob um viés filológico – em diálogo com a Fonologia, analisamos a relação existente entre a fonte documental e os manuais ortográficos dos períodos pretéritos. Considerando a hipótese inicial de que os *scriptores* seguiam a tradição documental para exarar os assentos de casamentos, embora fossem influenciados pela oralidade, reflexo do contexto sócio-histórico em que o manuscrito foi produzido, buscamos responder o seguinte questionamento: as variações gráficas das vogais pretônicas revelam indícios da oralidade, nos assentos de casamentos, refletindo o conflito entre os períodos ortográficos da língua portuguesa? Esperamos, com este trabalho, contribuir com os estudos linguísticos que remontam ao português brasileiro, sobretudo no sertão do Rio São Francisco.

---

\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil; falecomlecio@gmail.com

\*\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil; emevibra@hotmail.com

\*\*\* Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Profletras, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil; vera.pacheco@gmail.com

\*\*\*\* Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Profletras, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil; adavgvstvm@gmail.com

**Palavras-Chave:** Assentos de casamentos. Vogais pretônicas. Filologia. Processos fonológicos.

**Abstract:** The article presents as an object of study the variation of pretonic vowels in eighteenth-century marriage records, with the aim of analyzing the variation of pretonic vowels through phonological processes (raising and lowering) and by orthographic and etymological variations in order to observe how these processes were unleashed in the parish registers of the Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo do sertão do São Francisco. Based on Historical Linguistics – under a philological perspective - in dialogue with Phonology, we analyze the relationship between the documental source and the orthographic manuals of past periods. Considering the initial hypothesis that scribes followed the documentary tradition to write the marriage records, although they were influenced by orality, a reflection of the socio-historical context in which the manuscript was produced, we sought to answer the following question: do the graphic variations of pretonic vowels reveal signs of orality, in the marriage records, reflecting the conflict between the orthographic periods of the Portuguese language? We hope, with this paper, to contribute to linguistic studies on earlier stages of Brazilian Portuguese, especially in the interior of the Rio São Francisco.

**Keywords:** Marriage records. Pretonic vowels. Philology. Phonological processes.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os registros paroquiais são fontes primárias importantes para o estudo da reconstrução histórica de um determinado tempo e espaço. No caso dos manuscritos produzidos no sertão do Rio São Francisco, o contexto de exploração e de ocupação fica evidenciado na fonte documental, além de revelar aspectos linguísticos que caracterizam o estado da língua portuguesa em tempos pretéritos.

Por meio desta documentação, tem-se garantia dos registros da história e da cultura da sociedade que possibilitam a análise da escrita em uso no século XVIII, no cenário do sertão de baixo do Rio São Francisco, a partir de amostras representativas de um processo histórico da língua portuguesa.

A partir da análise dos registros paroquiais, mais especificamente, dos assentos de casamentos contidos no Livro n.º 1 (1719-1753) da Freguesia<sup>1</sup> de Santo Antônio do Urubu de baixo<sup>2</sup> do Rio São Francisco, vislumbramos diversas possibilidades de estudos de fenômenos linguísticos, assinalados pelo contexto sócio-histórico setecentista.

O século XVIII foi marcado pela polêmica ortográfica, herdada dos outros séculos e intensificada pela influência do Renascimento, que refletia o critério adotado pela grafia etimológica em admiração aos clássicos greco-latinos, revelando um cenário de contradições e indecisões no momento da escrita, reflexo do conflito entre os períodos ortográficos da língua portuguesa.

<sup>1</sup> Freguesia tem origem na expressão latina *filium ecclesiae*, filho da igreja e pode ser o mesmo que igreja paroquial ou paróquia. A freguesia era a menor divisão administrativa ligada à estrutura eclesíastica, no Império do Brasil, semelhante ao antigo Império Português.

<sup>2</sup> Corresponde atualmente à região do baixo São Francisco sergipano, mais precisamente ao município de Propriá e região.

No decorrer dos fólhos do livro de assentos de casamentos, utilizados como corpus deste artigo, elegemos como objeto de estudo, para o recorte aqui apresentado, as vogais pretônicas, cujas realizações no português brasileiro, nos tempos modernos, caracterizam-se por uma importante variação linguística, apesar de suas representações na escrita já estarem bem estabelecidas no sistema ortográfico. Assim, diante do objeto selecionado, recorreremos à interface da Linguística Histórica e da Fonologia para ampliar as percepções do estudo que ora empreendemos, pois investigar o passado ortográfico das vogais pretônicas pode lançar luz na compreensão de seu status fonético-fonológico nos dias atuais.

Diante disso, nosso objetivo é analisar a variação das vogais pretônicas através dos processos fonológicos (alçamento e abaixamento) e por variações ortográficas e etimológicas com o intuito de observar de qual maneira esses processos se desencadeavam naquela comunidade de prática<sup>3</sup>. Ao observar a escrita dos assentos de casamentos, avistamos a possibilidade do conhecimento da história da língua, apoiando-nos nos indícios deixados no documento, como por exemplo, o vocabulário e suas variações, que podem manifestar a língua falada da época em que o manuscrito foi produzido. Assim, na tentativa de uma investigação sobre o emprego das vogais pretônicas, observado na fonte documental, partimos da seguinte pergunta: as variações gráficas das vogais pretônicas revelam indícios da oralidade nos assentos de casamentos, refletindo o conflito entre os períodos ortográficos da língua portuguesa?

Os assentos de casamentos foram lavrados por oito diferentes *scriptores*<sup>4</sup>, que seguiam as normatizações contidas no Título LXXIII, da 1ª Parte das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1719, p. 130), cujas orientações indicavam fórmulas que deveriam compor o termo, apresentando um modelo. Esses homens, de faixa etária adulta, eram os vigários e coadjutores<sup>5</sup> da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo, responsáveis pela paróquia e pelos registros em cada período em que estiveram à frente das atividades pastorais. Eles faziam parte de uma elite instruída, reservada aos eclesiásticos, militares e agentes judiciários naquele grupo social do sertão sanfranciscano setecentista, levando-nos à construção da hipótese de que os *scriptores* seguiam a tradição diplomática para exarar os assentos de casamentos, embora fossem influenciados pela oralidade, reflexo do contexto sócio-histórico no ato de escrita.

O corpus deste estudo foi extraído da reprodução fac-similar e da transcrição realizada do Livro n.º 1 (1719-1753) da Freguesia de Santo Antônio do Urubu, no sertão de baixo, localizada à margem direita do Rio São Francisco, pertencente ao Arcebispado da Bahia e situada na Capitania de Sergipe d'El Rey. A fonte documental estudada integra o acervo da Cúria Diocesana de Bom Jesus da Lapa -BA e as reproduções fac-similares pertencem ao projeto de pesquisa *Educação Patrimonial*:

---

<sup>3</sup> “Comunidade de prática é um conjunto de pessoas agregadas em razão do engajamento mútuo em um empreendimento comum. Modos de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores, relações de poder – em resumo, práticas – emergem durante sua atividade conjunta em torno do empreendimento” (Eckert; McConnellgnet, 2010, p. 102).

<sup>4</sup> Aqui, consideramos *scriptores* os sujeitos cujas mãos escrevem os textos.

<sup>5</sup> “O clérigo que ajuda ao Pároco, ou Vigário” (Bluteau, 1728, p. 179).

*mapeando acervos históricos e culturais de Bom Jesus da Lapa*<sup>6</sup>, vinculado à Universidade do Estado da Bahia-UNEB, campus XVII.

No intento de discutir os dados com base nos métodos da Linguística Histórica, recorreremos ao viés filológico para laborar com a fonte documental e com a caracterização do padrão gráfico praticado pelos *scriptores* dos assentos e as propostas ortográficas apresentadas em gramáticas e manuais de tempos pretéritos (Oliveira, 1536; Barros, 1540; Gândavo, 1574; Leão, 1576; Vera, 1631; Barreto, 1671; Feijó, 1734; Verney, 1746; Barbosa, 1871[1822]) e, em diálogo com a Fonologia, buscamos explicar as vogais pretônicas e os processos fonológicos que as englobam, valendo-nos dos estudos de Câmara Jr. (1970), Bisol (1981), Bisol e Magalhães (2004) e Magalhães (2013).

Nesse sentido, buscamos caracterizar o documento como um retrato da língua portuguesa no sertão de baixo do São Francisco, a partir dos assentos de casamentos do século XVIII, através da leitura filológica, levando em consideração o contexto histórico e considerando os conflitos ortográficos da época.

Diante disso, este trabalho está dividido da seguinte maneira: traçaremos um panorama da representação gráfica das vogais do português em séculos passados na seção 2; em seguida, na seção 3, abordaremos o quadro de vogais em posição tônica, pretônica e postônica no português brasileiro contemporâneo, baseando-nos na Fonologia; na seção 4, apresentaremos alguns estudos sobre a variação das vogais pretônicas no português brasileiro (PB); na seção 5, descreveremos as características dos assentos de casamentos; na seção 6, mostraremos qual foi a metodologia adotada neste trabalho; e as seções 7 e 8 trarão os resultados da análise dos nossos dados. Por fim, teceremos algumas considerações acerca deste trabalho.

## 2 A REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS VOGAIS COMO OBJETO DE PESQUISA

Nunes (1945) declara que a ortografia portuguesa nunca teve completa uniformidade e se divide em dois períodos históricos: o fonético, que começa com os princípios da língua até o século XVI, e o período pseudoetimológico que se estende do século XVII aos nossos dias. Coutinho (1976[1938]), por seu turno, classifica a história da ortografia em três períodos, acrescentando o período simplificado, que se inicia com a publicação da *Ortografia Nacional* de Gonçalves Viana, em 1904, e chega até os nossos dias.

No período fonético da ortografia portuguesa, não havia um padrão uniforme na escrita, ocorrendo, em um mesmo documento, vocábulos grafados de modos diferentes. Os escritores e copistas da época buscavam aproximar a escrita, o quanto possível, da língua falada para facilitar a leitura, ao passo que, o período pseudoetimológico, influenciado pelo Renascimento e pela admiração do grego e do

<sup>6</sup> O projeto de pesquisa *Educação Patrimonial: mapeando acervos históricos e culturais de Bom Jesus da Lapa*, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Ma. Ádma Bernardino Magalhães, iniciou suas atividades em 2015, com vistas nas práticas promotoras da educação patrimonial, por meio da reconstituição da memória histórica e cultural de Bom Jesus da Lapa-BA, dando ênfases no seu patrimônio material, imaterial e nas diversas manifestações culturais. Esse projeto de pesquisa tem como objetivo identificar e catalogar acervos documentais, saberes e práticas tradicionais e manifestações culturais, como festividades, brincadeiras, cantigas, culinária, línguas, saberes transmitidos oralmente, manifestações artísticas tipicamente locais (danças, ritmos) que se encontram dispersos pela cidade e entorno.

latim, tinha como objetivo respeitar, tanto quanto possível, a formação etimológica da palavra, mesmo que não representasse qualquer aspecto fonético (Coutinho, 1976[1938], p. 72).

O Renascimento tornou-se uma grande influência cultural, atraindo os estudiosos de toda Europa e diante da reaproximação aos modelos greco-latinos, as línguas vernáculas tornaram-se línguas de prestígio, e assim, começam a aparecer os primeiros registros escritos da tradição do português como língua escrita, a exemplo do *Testamento de D. Afonso II* (1214) e a *Notícia do Torto* (1214-1216). No entanto, a língua portuguesa não apresentava documentos de normatização da ortografia daquele período.

No século XVI, dois gramáticos portugueses são os primeiros a tentar normatizar a ortografia. Assim, Fernão de Oliveira (1536) publica a *Grammatica da lingoagem portuguesa* e João de Barros (1540), a *Grammatica da língua portuguesa*. De acordo com Kemmler (2001), as duas obras tratam como tema especial a ortografia, e apenas a obra de João de Barros apresenta algumas descrições sistemáticas da gramática da língua portuguesa. Para o objetivo deste estudo, que é analisar a variação da representação gráfica das vogais em sílaba pretônica, encontramos, em Fernão de Oliveira (1536), a descrição do fenômeno percebido pelo gramático.

Em *Grammatica da lingoagem portuguesa*, Fernão de Oliveira (1536) comenta que é necessário dividir as vogais em grandes e pequenas, como os gregos, embora não seja possível com todas elas, porque temos o *a* grande e *a* pequeno, *e* grande e *e* pequeno e *o* grande e *o* pequeno, mas essa diversidade não ocorre com o *i* e *u*. Assim, o autor reconhece que há oito vogais na língua portuguesa, representadas por cinco *figuras*. Cabe ressaltar que, no capítulo XVIII, Fernão de Oliveira apresenta a semelhança e proximidade que algumas vogais têm entre si, como é o caso do *u* e *o* pequeno em que há tanta vizinhança que alguns dizem *somir* e outros *sumir*, e *dormir* ou *durmir*, e ainda, *bolir* ou *bulir*. E entre o *i* e *e* pequeno, também há semelhanças, como *memoria* ou *memorea*, *gloria* ou *glorea*.

Mattos e Silva (1989) analisa, entre outros fenômenos, a variação gráfica de vogais em um mesmo vocábulo em diferentes posições não-acentuadas, em sua obra monumental *Estruturas Trecentistas*. O estudo empreendido por Mattos e Silva (1989) observa a representação gráfica em *A versão vernácula mais antiga dos Diálogos de São Gregório*, organizando informações sobre a variação gráfica de um mesmo vocábulo para inferências sobre o sistema fonológico e as variações fonéticas vigentes no português do século XIV. A autora centraliza sua análise em duas direções: (i) na descrição da variação gráfica de um mesmo vocábulo e (ii) no destaque à sistematicidade da representação escrita de certos elementos fônicos ou de certas sequências fônicas. Para a explicação dos fatos descritos, Mattos e Silva (1989, p. 68) recorre à informação de cunho etimológico ou aos fatos linguísticos posteriores à fase arcaica do português.

Ainda no século XVI, Pero de Magalhães Gândavo (1574) apresenta a obra *Regras de escrever a ortografia da língua portuguesa*, considerada o primeiro tratado ortográfico com um conjunto de regras e indicações para escrever corretamente, e Duarte Nunes de Leão (1576), com a obra *Ortografia da língua portuguesa*, não considera as realizações abertas e fechadas dos sons das vogais, como seus precursores, mas acentos ou ocorrências acidentais de vogal longa ou breve (Kemmler, 2001, p. 177).

No século XVII, a *Ortografia ou modo para escrever certo a língua portuguesa* de Álvaro Ferreira de Vera (1631) segue as orientações das ideias ortográficas da obra de Leão (1576), inclusive, a negação da existência de realizações abertas/fechadas ou grandes/pequenas das vogais a, e, o, e, do mesmo modo, considera a ocorrência accidental das vogais longas e breves. João Franco Barreto (1671), em sua obra, *Ortografia da língua portuguesa*, referencia os ortógrafos portugueses anteriores, dando destaque ao tratado de Leão (1576), inclusive a respeito das considerações sobre as vogais (Kemmler, 2001).

Chegando ao século XVIII, João de Moraes Madureira Feijó (1734), em sua obra *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa*, nos diz que a melhor ortografia é aquela que se acomoda com a “recta pronunção das palavras” (Feijó, 1734, p. 19). O autor ressalta que “todos dizem” para escrever como se pronuncia, mas nenhum ensina como se deve pronunciar, para assim escrever corretamente. Feijó (1734) aponta que essa é a grande causa dos erros ortográficos porque podemos imitar a escrita dos melhores autores da língua portuguesa, mas quanto à pronúncia, não temos o testemunho de como eles pronunciavam. O ortografista continua, ainda, afirmando que em nenhuma língua se pode regular com acerto a partir da pronúncia das palavras, porque nem sempre o som distinto de todas as letras é expresso na pronúncia.

Feijó (1734, p. 20-21) classifica as vogais em seis, a, e, i, o, u, y, e diz que cada uma tem, por si só, voz clara e distinta. E continua com a descrição da pronúncia de cada uma delas. A vogal *a* se pronuncia com a boca aberta e tom alto, como em “agoa”, e no latim “aqua”. A vogal *e* pronuncia-se com a boca menos aberta, apertando a respiração e, nas palavras do autor, engrossando a língua para o paladar<sup>7</sup>, como em “estar”. A vogal *i* se pronuncia com a boca ainda menos aberta, aplicando mais a língua ao paladar, comprimindo a respiração, como em “vi”, “li”. A vogal *o* se pronuncia com a boca aberta e os beiços<sup>8</sup> estendidos em forma redonda, como em “ovo”. A vogal *u*, assim como a vogal *o*, se pronuncia com a boca aberta, mas com os beiços mais estendidos, como em “fugir”. E por último, o *y*, a vogal dos gregos, que se pronuncia como *i*.

Ainda no século XVIII, Luís António Verney (1746, p. 14), no *Verdadeiro Método para estudar*, elabora sua obra voltada para a ortografia fonética, ressaltando que se deve escrever da mesma forma que se pronuncia. Porém, o autor considera que, às vezes, há deformação na percepção da pronúncia, observando que muitas letras no meio e, principalmente, no fim das palavras são pronunciadas de forma equivocada, como por exemplo o *e* final pronunciado como *i*. Nunes (1945, p. 53) explica que as vogais átonas alteram-se e, por vezes, desaparecem, e, quando persistem, tomam um som fraco que mal se faz ouvir e, quando são finais, no caso do *e* e *i*, como o *o* e *u*, confundem-se em um único som.

Mattos e Silva (1989, p. 71-72), em seu trabalho sobre a variação gráfica das vogais em *A versão vernácula mais antiga dos Diálogos de São Gregório*, quanto à variação entre os grafemas *e* e *i* em um mesmo vocábulo, apresenta ocorrências dessa variação em posição inicial absoluta, como em “enfinta” e “infinta”; em sílaba inicial, como em

<sup>7</sup> Termo usado pelo ortógrafo para se referir ao palato. No dicionário de Bluteau (1728, p. 148), paladar é sinônimo de palato.

<sup>8</sup> Termo usado pelo ortógrafo para se referir aos lábios. Bluteau (1728, p. 176) define o termo como “lábio ou a borda da boca que cerrada cobre os dentes”.

“dereito” e “direito”, em sílaba anterior à acentuada, como em “enterido” e “entirido” e em sílaba final, “simplez” e “simplis”.

Jerônimo Soares Barbosa (1871[1822], p. 36), em sua *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, no capítulo VIII, sobre os vícios da pronúncia, diz que os brasileiros pronunciam o *e* pequeno breve em lugar do grande *e* aberto, como em “pregar” por “prêgar”, e trocam o *e* pequeno e breve por *i*, como em “minino”, “filiz”, “binigno”, “mi dêo”, “ti dêo”, “si firio”, “lhi dêo”.

Podemos considerar, portanto, a partir das reflexões apresentadas a partir das gramáticas e manuais ortográficos, representativos de períodos pretéritos da língua, analisadas no texto, que a heterogeneidade do uso das vogais pretônicas *e*, *i* e *o*, *u* no texto escrito, aponta para indícios da mesma heterogeneidade encontrada na oralidade, reflexo do contexto sócio-histórico, a exemplo da influência da latinização, dos resquícios do período fonético da ortografia e da falta de normatização da língua portuguesa.

Nessa direção, investigaremos algumas variações em um mesmo vocábulo quanto ao uso das vogais em posição não-acentuada encontradas no corpus do presente estudo, além de apresentar os exemplos em que não ocorreu variação, observando o uso praticado pelos *scriptores* e as propostas apresentadas nas gramáticas, manuais ortográficos e dicionários da época em que a fonte documental foi escrita e também de períodos anteriores.

### 3 O CASO DAS VOGAIS NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Como já foi discutido na seção inicial, o intuito principal deste trabalho é investigar a variação das vogais pretônicas em assentos de casamentos do século XVIII, tomando como objeto o Livro nº 1 (1719-1753) da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo do Rio São Francisco, com vistas a avaliar vestígios desse tempo pretérito na organização dos sistemas fonológico e ortográfico atuais. Para balizar a nossa discussão, trazemos uma importante descrição fonológica do sistema vocálico do PB proposta por Câmara Jr. (1970), que foi, sem sombra de dúvida, um grande nome nos estudos da fonologia do PB.

Para o linguista, “a realidade da língua oral é muito mais complexa do que dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas vogais na escrita”. Segundo o autor, “o que há são 7 fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones” (Camara Jr., 1970, p. 39).

Apesar da complexa realidade da língua oral evidenciada na fala de Camara Jr., ele propõe uma classificação dos fonemas vocálicos partindo da sílaba tônica, pois, de acordo com sua linha de raciocínio, a sílaba tônica, aquela de “particular força expiratória (intensidade), associada secundariamente a uma ligeira elevação da voz (tom) é que constitui a posição ótima para caracterizá-las (as vogais)”. Ainda, nas suas palavras, “a posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez (...) os traços distintivos vocálicos” (Camara Jr., 1970, p. 41-42).

Dessa forma, de acordo com a classificação de Camara Jr. (1970), em posição tônica, o sistema vocálico é composto por 7 vogais, conforme esquema (1) e, desde o

FLP 23(2)

Português Arcaico até os dias atuais, “têm permanecido rigorosamente lacradas em um sistema fechado, pouco susceptíveis à variação” (Magalhães, 2013, p. 38)<sup>9</sup>.

(1) Sistema das vogais tônicas do PB

Altas	/u/	/i/
Média alta	/o/	/e/
Média baixa	/ɔ/	/ɛ/
Baixa	/a/	

Adaptado de Camara Jr. (1970, p. 41)

Aparentemente, este quadro de vogais em posição tônica já era realidade em outras épocas, como no Português Arcaico e, por via de regra, em grande parte do léxico, tais vogais correspondiam a pré-determináveis fonemas vocálicos do latim (Mattos e Silva, 1989). Posto isso, as vogais em posição tônica tendem a sofrer menos (ou quase nenhuma) variação, diferentemente da posição átona, que é mais sensível à ocorrência de processos fonológicos, tais como harmonia vocálica e abaixamento, como será discutido mais adiante neste artigo.

Trabalhos como os de Camara Jr. (1970), Bisol (1981) e Bisol e Magalhães (2004), trazem explicações a respeito das motivações que incidem sobre as vogais átonas. Certamente, a particularidade mais interessante é que o número do sistema das vogais se reduz nesta posição, justamente, devido à implementação de variações. Bisol e Magalhães (2004), ao abordarem a redução do sistema vocálico do PB à luz da Teoria da Otimidade, explanam que, a partir da análise das vogais tônicas, há um processo de neutralização das vogais átonas, como já havia sido posto por Camara Jr. (1970). Isso permite observar que este quadro se reduz para 5 vogais em sílaba pretônica e 4 vogais na posição não final pós-acento e para 3 na posição final pós-acento (Bisol; Magalhães, 2004, p. 198). Deste modo, o quadro das pretônicas é formado pelas vogais /a/, /e/, /i/, /o/ e /u/, enquanto o quadro das vogais em posição postônica final é formado pelas vogais /a/, /i/ e /u/. Em posição postônica não final, o quadro das vogais se reduz a 4 vogais<sup>10</sup>.

Nota-se, por meio dos sistemas das vogais não-acentuadas, que, a partir do processo de neutralização, ocorre a perda do traço que diferencia dois fonemas (Camara Jr., 1970, p. 43-44): as vogais médias baixas /ɛ, ɔ/ não aparecem no quadro das pretônicas, em proveito das médias altas /e, o/, enquanto nas vogais postônicas finais há uma supressão maior, realizando somente as vogais altas /i, u/, além da vogal baixa /a/. Ainda há possibilidade dessa variação, que ocorre em posição postônica entre as vogais /e/ e /o/ pela produção das vogais /i/ e /u/, ocorrer em posição pretônica. Abaixo, apresentamos alguns exemplos de palavras do PB em que essa variação ocorre:

<sup>9</sup> Magalhães (2013), ainda, explica que há raros casos de variação como [ˈfe.fã]~[ˈfe.fã], por exemplo, mas dada à sua não produtividade, não se pode inferir questões mais sólidas acerca da variação em posição tônica no PB.

<sup>10</sup> Camara Jr. (1970) assume ainda que, em posição postônica não final, o quadro é representado por 4 vogais. Segundo o linguista, a vogal /e/ ainda ocorre nessa posição.



(2)

Pretônica	Postônica
menina [mi' ninɐ]	mexe [' mɛʃi]
coruja [ku' ruʒɐ]	caro [' karɔ]

Desse modo, duas observações são importantes para análise dessas ocorrências: i) na pretônica ocorre uma variação entre médias /e, o/ e altas /i, u/, sendo as vogais médias-altas ainda fonemas; e ii) na postônica final, ocorre um processo de neutralização, em que as vogais /e, o/ não são mais fonemas. Essas vogais realizadas são compreendidas como alofones.

A atual configuração vocálica do PB não é tão recente, como afirma Magalhães (2013):

não é novidade do que respeita à composição do sistema advindo de processos de redução vocálica. Gramáticas históricas já vêm documentando há anos que as oposições latinas – relativas ao timbre das vogais – entre /ɛ/ e /e/ e entre /ɔ/ e /o/ neutralizaram-se em favor das vogais de timbre fechado / ɛ / e / ɔ /, fazendo com que o sistema vocálico nesta posição seja reduzido, já no português medieval, há cinco vogais. Mesmo se considerarmos que haja regiões do Brasil em que prevaleça, na posição pretônica, as vogais médias baixas, tem-se costumeiramente consideradas as médias altas como as formas de base. (Magalhães, 2013, p. 40).

Além disso, Mattos e Silva (2006) argumenta que é mais complexo interpretar as grafias das vogais em posição átona do que em posição acentuada, uma vez que a variação gráfica na representação da posição das vogais não-acentuadas é mais recorrente para um mesmo item do léxico e em contextos distintos, diferentemente da representação das vogais acentuadas, dada à sua posição de sílaba tônica. A autora ainda afirma que “esse fato, por si, é um indicador de flutuação maior, como seria de esperar, por razões fonéticas, na realização das inacentuadas, já que estão em posição de menor intensidade articulatória” (Mattos e Silva, 2006, p. 54).

Fica evidente, portanto, com esse apanhado, sobre a variação sincrônica das vogais pretônicas, que “são os dados diacrônicos, fartamente documentados em tratados de filologia e em gramáticas históricas que dão conta do sistema vocálico” (Magalhães, 2013, p. 40). Os resultados de pesquisas, como de Magalhães (2013) e Mattos e Silva (2006), sobre a variação das vogais pretônicas, no âmbito da Linguística Histórica, conseguem lançar luz na compreensão da organização atual do sistema fonológico. Dados diacrônicos evidenciam a ocorrência de processos fonológicos, que atuaram em um momento anterior e foram importantes para a configuração vocálica atual. Muitos desses processos ainda são produtivos na língua, especificamente na posição pretônica, como harmonia vocálica e abaixamento. Sobre esses pontos, discutiremos na seção que se segue.

#### 4 VARIAÇÃO DAS VOGAIS PRETÔNICAS

Como já visto na seção anterior, o sistema vocálico é reduzido nas posições pretônica e postônica. Essa redução possibilita, em vogais pré-acentuadas, que haja uma variação entre as médias altas /e, o/ e as altas /i, u/.

A recorrência da variação das vogais pretônicas é observada na distinção dialetal dos falantes do PB em pesquisas desenvolvidas nas últimas décadas, como as de Camara Jr. (1970), Bisol (1981), Callou, Leite e Coutinho (1991), Bisol e Magalhães (2004), Hora e Santiago (2006), Silva (2021), dentre outras, que nos proporcionaram visualizar melhor o sistema das vogais pré-acentuadas no PB.

Bisol (1981), por exemplo, fez uma investigação sobre as pretônicas, observando um alçamento das vogais médias altas /e, o/ para as altas /i, u/. Fato interessante é que a autora descreveu o fenômeno, mostrando que é a vogal alta na sílaba tônica que proporciona a aplicação da regra, como em “b[i]bido” para “bebido” e “c[u]ruja” para “coruja”. Não obstante, a linguista ainda apontou que o fenômeno do alçamento se aplica por meio de variação livre – quando, na sílaba tônica, não há uma vogal alta –, como em “t[u]mate” para “tomate”, “c[u]légio” para “colégio”, por exemplo.

O alçamento foi definido por Bisol (1981) em dois processos fonológicos. Em “b[i]bido” e “c[u]ruja” tem-se harmonia vocálica, uma vez que as vogais pretônicas assimilam traços de altura comuns às vogais da sílaba tônica /e/ ~ /i/ e /o/ ~ /u/. Em “t[u]mate” e “c[u]légio” tem-se alçamento sem uma aparente motivação, isto é, a vogal pretônica média alta sofre o alçamento mesmo sem ter semelhança no traço de altura com a vogal em posição tônica.

Magalhães (2013, p. 47) estendeu a análise desses processos, lançando mais um olhar sobre as vogais médias pretônicas do português, observando dados em cartas dos séculos XVIII e XIX. O autor, ao analisar as cartas de tais séculos, observou que, para além da harmonia e alçamento sem motivação aparente, havia palavras, como “partecipo” e “vezinho”. Esses exemplos são definidos, pelo linguista, como uma “interação opaca em que a regra esperada deixa de se aplicar, mesmo tendo presente o contexto para aplicação” (Magalhães, 2013, p. 47). Para esta definição, é dado o nome de contra-alimentação. Além dessas palavras, havia exemplos nas cartas, como “desposição” e “enteira”, e Magalhães (2013, p. 47) define como abaixamento: uma “situação em que a vogal alta tornou-se média baixa sem qualquer motivação aparente”.

Diante disso, é importante inferir que análises sobre as vogais pretônicas, em registros escritos antigos, são interessantes, pois mostram a realidade linguística de uma determinada localidade e de uma determinada época e o quanto elas se refletem no português atual. Ao investigarmos a variação da representação gráfica das vogais em assentos de casamentos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo do Rio São Francisco do século XVIII, observamos que as variações gráficas das vogais não acentuadas, em diferentes posições dos vocábulos, evidenciam a hesitação dos *scriptores* na escolha do grafema no momento da escrita, possivelmente, reflexo do conflito entre o período fonético e o etimológico da ortografia portuguesa. Para tanto, faremos uma análise desses assentos, levando em consideração os mesmos processos investigados por Bisol (1981) e Magalhães (2013). Apresentamos mais detalhes sobre os assentos na seção de análise dos vocábulos.

## 5 OS ASSENTOS DE CASAMENTOS COMO MATERIAL DE PESQUISA

Este estudo toma como material de pesquisa os registros paroquiais da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo do Rio São Francisco, pertencente ao

Arcebispo da Bahia e situada na Capitania de Sergipe d'El Rey. A freguesia foi fundada em 1718, desmembrada da Freguesia de Santo Antônio de Vila Nova, no baixo sertão, à margem direita do Rio São Francisco, vizinha da Freguesia de Jesus, Maria José e São Gonçalo do Pé do Banco.

Os registros paroquiais, selecionados para o recorte deste estudo, fazem parte do Livro n.º 1 (1719-1753), referente aos assentos dos casados e dos mortos da Matriz de Santo Antônio do Urubu do Rio São Francisco, como consta no termo de abertura do livro, datado de 4 de novembro de 1718. O referido livro manuscrito integra o acervo documental da Cúria Diocesana de Bom Jesus da Lapa, Bahia.

Os assentos de casamentos, assim como os demais registros paroquiais, foram estabelecidos pelas Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia, em Sínodo Diocesano ocorrido em 1707, a partir dos preceitos do Sagrado Concílio Tridentino (1545-1563), na administração eclesiástica (1702-1722) de D. Sebastião Monteiro da Vide.

As Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia, publicadas em 1719, definiram a estrutura dos registros paroquiais que deveriam ser seguidos pelos sacerdotes ao lançar as informações em cada livro específico da paróquia. Nos assentos de casamentos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo do Rio São Francisco, encontramos as seguintes informações: data e local da celebração, nome do celebrante, se o próprio vigário da freguesia ou outro sacerdote com a devida permissão, os nomes dos contraentes, sua naturalidade, condição social, etnia e filiação, e, no caso dos viúvos, o nome do cônjuge e também o nome das testemunhas.

Além dessas informações, cada registro tem suas próprias peculiaridades, como as diligências em relação aos banhos, os impedimentos ocultos, as dispensas, os casos em que os contraentes não recebem as bênçãos, os casos dos cativos ou forros, em cujo assento consta o nome do(a) senhor(a), entre outras. Os assentos de casamentos da referida freguesia eram lavrados de acordo com as orientações estabelecidas pelas Constituições (1719), entretanto, alguns registros apresentam mais informações do que outros, e cada *scriptor*, que era o vigário responsável pela paróquia, ou, às vezes, o padre coadjutor que fazia 'as vezes do vigário', apresentava particularidades em sua escrita, seguindo mais rigidamente as orientações do Arcebispo, com mais zelo na organização do texto e nos padrões gráficos seguidos por cada um deles, como pode ser observado a seguir, a partir da transcrição de um assento de casamento localizado no fólio 11 *recto*:

Transcrição:

Aos dezacete dias do mes de Março do anno demil ecete | Centos evinte eCete pella menham nesta Igreja de Santo Antonio do Urubu feitas as denunciaoes na forma do Sa | grado Concilio Tridentino nesta Igreja onde os Contrahen | tes sam moradores enaturaes tambem nas freguezias | vizinhas de Jesus Maria Jozeph dope do banco ede Santo An | tonio de Villanova Sem impedimento algú Como Consta das Certidoes dos R.R. Parochos que tenho emmeu poder em | prezença demim Vigr.º Joam da Silva Ribr.º presentes | as testemunhas Manoel dos Santos Cardozo homem ca | zado morador nesta freguezia Luis dos Santos homem | Solteiro morador desta freguezia deSanto Antonio do | Urubu Joam Esteves Barboza da mesma freguezia homem | cazado pessoas Conhecidas por mim Se cazaraõ em face de | Igreja Solememente por palavras Jozeph Martins Beze | rra natural emorador nesta freguezia filho Legitimo | de Baltazar dos Reis Bezerra ede sua molher Thereza de | Serqueira, com Maria Rodrigues natural emoradora nesta | freguezia de Santo Anto do Urubu do Rio de Sam Francisco

| filha Legitima de Manoel da Cunha ede sua molher Mari | a Teixeira ja defunta enão  
lhedei as bençoës Nuptiaes | deque tudo fiz este assento no mesmo dia que por verdade  
| assiney.

O Vigr<sup>o</sup> Joam daSilva Ribr<sup>o</sup>  
Manoel dos Sants Cardozo  
Luis dos Sanctos Cardozo

O que nos chamou bastante atenção foi o fato de que os *scriptores* faziam parte da elite instruída daquele cenário social e apresentavam padrões gráficos muito peculiares, demonstrando o conhecimento da grafia utilizada na época, apesar das variações na escrita e do reflexo de características da modalidade oral no documento. A partir dos assentos de casamentos podemos ter acesso a uma série de informações de suma importância para os estudos linguísticos, recorrendo ao viés filológico por “integrar-se melhor como uma das formas de abordar a documentação escrita, tanto literária como documental em sentido amplo, enriquecidas pelas vias da crítica textual, tanto de textos antigos como modernos” (Mattos e Silva, 2008, p. 14).

A Filologia, em seu sentido amplo, aborda o estudo da língua e do seu contexto histórico e social, a partir de textos escritos, sendo literários ou não, com o intuito de estudar, analisar e preservar o passado de uma língua e de um povo. De acordo com Mattos e Silva (2008, p. 14) “[a] Filologia assume o seu lugar como a ciência do texto”, e assim, diante da possibilidade de pesquisar os registros paroquiais do século XVIII, empreendemos este estudo, utilizando essa fonte documental serial, de acordo com o objetivo definido por Barros (2019, p. 58), que é “identificar, para um determinado processo historiográfico que se tem em vista, um certo padrão, as repetições ou recorrências que ocorrem em série, mas também variações que indicam uma tendência, os fluxos e refluxos que podem assinalar um ciclo”.

E, para identificar o padrão gráfico dos *scriptores* e as ocorrências do fenômeno estudado, utilizamos, como material de pesquisa, as reproduções fac-similares do livro manuscrito que fazem parte do acervo do Grupo de Pesquisa *Educação Patrimonial: mapeando acervos históricos e culturais de Bom Jesus da Lapa*, vinculado à Universidade do Estado da Bahia-UNEB, campus XVII.

## 6 MATERIAIS E MÉTODOS

No que se refere aos procedimentos metodológicos, este estudo, em primeiro lugar, tem um caráter filológico, voltado para a leitura e transcrição de assentos de casamentos do século XVIII, a partir das reproduções fac-similares da fonte da pesquisa.

Os textos escritos são fontes representativas de padrões ortográficos que podem ser interpretados de forma linguística, permitindo a análise dos aspectos gramaticais e da pronúncia, levando em consideração o que se aproxima ou se distancia de períodos pretéritos da língua (Montgomery, 2007, p. 114). Ainda em relação à investigação em textos escritos, Schneider (2002, p. 68) discute sobre o “princípio da remoção do filtro”, que consiste em avaliar um registro escrito, levando em consideração a relação deste com o evento de fala, na tentativa de reconstrução, da forma mais precisa possível, da representação da modalidade oral original.

Em segundo lugar, o estudo aborda o fenômeno linguístico do sistema vocálico pretônico encontrado no documento. Segundo Lass (2000), a análise do registro escrito não implica facilidade de interpretação e nem todas as variações são significativas. O pesquisador deve determinar a relação do sistema de escrita do documento com o estado de língua que ele representa, a exemplo dos indícios de processos fonético-fonológicos. O autor chama a atenção para os dados coletados, nos quais as grafias podem apresentar os eventuais erros gráficos durante a escrita, devendo ser descartadas. As demais variantes devem ser consideradas, a exemplo das variações puramente gráficas, resultantes do conflito entre os períodos ortográficos da língua portuguesa, como o fonético e o etimológico; e as grafias fonologicamente significativas, que podem apresentar evidências de processos fonético-fonológicos.

O corpus do estudo é constituído pelos registros paroquiais encontrados no Livro nº 1 (1719-1753) da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo do Rio São Francisco, Capitania de Sergipe d'El Rey, utilizado para o registro dos casados e dos mortos, conforme termo de abertura.

Para este recorte, analisamos apenas os registros de casamentos que compõem a primeira parte do livro, compreendida entre o fôlio 1 *recto* e o verso 79. Os assentos de casamentos totalizam 231 registros exarados por 8 *scriptores* entre o período de 1719 a 1753.

A seleção das palavras utilizadas para o estudo do padrão do sistema vocálico foi feita durante a leitura e transcrição do documento, além de recorrermos ao programa *AntConc* (2011)<sup>11</sup>, utilizado na análise de documentos escritos para a localização de palavras e número de frequência, entre outros recursos de pesquisa.

A fim de atestar a escrita das palavras analisadas, recorreremos a obras históricas, como o *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*, de Raphael Bluteau (1712-1728), e a *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa*, de João de Moraes Madureira Feijó (1734), para descrevermos e compararmos as grafias com esses instrumentos de normatização da língua portuguesa do referido período, além do *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes* de Guérios (1979), para atestar as etimologias dos antropônimos e dos patronímicos e do *Dicionário etimológico da língua portuguesa* de Antônio Geraldo da Cunha (2012).

Após a seleção das unidades de análise, procuramos demonstrar os padrões do sistema vocálico, nesses assentos, levando em consideração a análise de Mattos e Silva (1989, 2006) sobre as ocorrências das pretônicas do PB em séculos passados e a de Magalhães (2013) sobre a mesma temática. Sob o respaldo deste último, separamos as palavras, classificando-as de acordo com os processos de harmonia vocálica, elevação sem motivação aparente, contra-alimentação e abaixamento, além da verificação das grafias.

---

<sup>11</sup> AntConc (2011) é um programa computacional desenvolvido por Laurence Anthony, professor da Escola de Ciências e Engenharia de Waseda University, Japão. Esse programa oferece um conjunto de ferramentas para análise de corpora através de geração de palavras-chave, sistematização de frequência e gráfico de palavras.

**7 AS VOGAIS PRETÔNICAS NOS ASSENTOS DE CASAMENTOS DO SERTÃO DO SÃO FRANCISCO**

**7.1 Análise da variação gráfica**

Por meio da análise da representação gráfica das vogais pretônicas, pretendemos analisar a variação entre <e>, <i> e <o>, <u>, enfatizando as ocorrências nas quais houve a variação, em consonância com o que afirma Mattos e Silva (1989, p. 68): “Os factos descritos estão quantificados porque esse tipo de informação pode fornecer indícios da vitalidade ou não de determinado uso linguístico transferido, talvez, para o texto escrito”. Os dados serão apresentados em duas tabelas, sendo a Tabela 1 destinada a apresentar a variação das vogais pretônicas <e>, <i> e a Tabela 2 destinada à variação das vogais <o>, <u>, como veremos a seguir:

Tabela 1 – Vogais em posição pretônica <e>, <i>.

Vocábulo	Ocorrências	Bluteau (1728)	Feijó (1734)	Guérios (1979)
<i>imcomendado</i>	01			
<i>incomendado</i>	01	“encomendado”	“encomendar”	-
<i>encomendado</i>	43			
<i>empedimento</i>	8	“impedimento”	“impedimento”	-
<i>impedimento</i>	130			
<i>despenssa</i>	01	“dispensa”	“dispensa”	-
<i>dispensa</i>	01			
<i>deligencias</i>	17	“diligencia”	“diligencia”	-
<i>diligencias</i>	09			
<i>despensados</i>	02			
<i>dispensados</i>	07	“dispensado”	“dispensar”	-
<i>despenssado</i>	01			
<i>dispenssados</i>	01			
<i>Filipe</i>	03			“Filipe” ou
<i>Philipe</i>	01	-	-	“Felipe”
<i>Felipe</i>	05			
<i>Philipa</i>	01			“Filipe” ou
<i>Felipa</i>	01	-	-	“Felipe”
<i>Felippa</i>	01			
<i>mistiço</i>	03	“mestiço” ou	“mestiço” ou	-
<i>mistiça</i>	01	“mistiço”	“mistiço”	
<i>mestiço</i>	01			
<i>sifizerão</i>	01			-
<i>sefizeram</i>	01			

Fonte: Elaboração própria.

FLP 23(2)

Com base nos dados expostos na Tabela 1, podemos observar que os *scriptores* apresentavam uma hesitação de escolha no momento da escrita, muitas vezes, optando pela escrita que atendia ao ouvido. Dessa forma, percebemos as trocas realizadas em *incomendado* e *incomendado*, onde seria *encomendado*<sup>12</sup>, como prescreve Bluteau (1728) e Feijó (1734). Nos referidos exemplos, houve o alteamento, uso da vogal alta <i> no lugar da vogal média-alta <e>. No corpus, encontramos os seguintes exemplos, em seus respectivos contextos:

Quadro 2 - *encomendado* e *incomendado*.

Vocábulo	Contexto	Ano / Fólio	Scriptor
<i>encomendado</i>	“nesta Matris de S. <sup>to</sup> Antonio do Urubú Com Licença do R. <sup>do</sup>   Vigr. <sup>o</sup> encomendado de manhaã”	1729, 13 r.	Gonçallo Vellozo de Souza
<i>imcomendado</i>	“emprezença de   mim o Pe Joachim deSouza Vigr. <sup>o</sup> imcomendado desta freg. <sup>am</sup> ”	1728, 11 v.	Joachim de Souza
<i>incomendado</i>	Como Consta do assento folhas doze emprezença do   R. <sup>do</sup> Vigr. <sup>o</sup> incomendado	1730, 24 v.	Gonçallo Vellozo de Souza

Fonte: Elaboração própria.

A variação entre os grafemas <e> e <i> em um mesmo vocábulo, em posição inicial absoluta, também foi encontrada por Mattos e Silva (1989, p. 71), no exemplo: “enfinta (2)”, “infinta (1)”, em casos em que a vogal inicial é travada por uma consoante nasal ou sibilante.

No que toca aos exemplos, *empedimento* e *impedimento*, a ocorrência da vogal <e> no lugar de <i> parece resultar de uma hipercorreção, indicando processo de harmonia vocálica com a vogal média alta seguinte, como também aconteceu no exemplo *despensa* com a vogal travada por uma consoante sibilante.

No caso de “deligencias”<sup>13</sup> encontrado nos dados analisados, observamos que Mattos e Silva (1989, p. 72) aponta que esse tipo de ocorrência pode acontecer quando, na sílaba seguinte, uma vogal alta (i, u) ou uma semivogal, que poderiam ser considerados elementos condicionadores do processo assimilatório de alteamento vocálico, não provoca o alteamento. Nessa palavra, em particular, parece haver uma hipercorreção por parte dos *scriptores*, uma vez que a forma não dicionarizada (*deligencias*) ocorre com mais frequência – 17 ocorrências. É uma palavra que está

<sup>12</sup> Pároco por encomendação. O *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (DHPB) apresenta as seguintes variantes: “emcomendado”, “encomendada”, “encomendado”, “encómendado”, “encômendado”, “incomendado”, “incommendado”. Disponível em: <https://dicionarios.fclar.unesp.br/dhpb/busca/>. Acesso em 23/01/2022.

<sup>13</sup> “Diligência sf. zelo, cuidado, atividade, providências, pesquisa, investigação. Do lat. diligentia, de diligēre” (Cunha, 2012, p. 219). O *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (DHPB) apresenta as seguintes variantes: “diligencia”, “dilligencia”, “delegencia”, “deligencia”, “deligência”, “deligemcia”, “deligensia”, “delligencia”, “diligentia”. Disponível em: <https://dicionarios.fclar.unesp.br/dhpb/busca/>. Acesso em 23/01/2022.

flutuando, pois foi consagrada com *i*, mas naquele momento os *scriptores* ainda a grafavam com *e*.

Nos casos dos antropônimos *Filipe*, *Felipe*, *Philipe*, *Philipa* e *Felippa*, Guérios (1979, p. 121) considera as duas formas correta: *Felipe* ou *Filipe*. A forma *Felipe*, muito recorrente, não seguiria o princípio etimológico do nome que vem do grego *Philippos* ou *Philos-hippos*, “amigos de cavalos, o que gosta de cavalos”. O autor demonstra as variações para o nome em outros idiomas: espanhol: *Felipe*; francês: *Phillippe*; inglês: *Phillip* e italiano: *Filippo*.

Em *mestiço* e *mistiço*, as obras de referência do período, Bluteau (1728, p. 78) e Feijó (1734, p. 398), consideram as duas formas corretas, no entanto, eles informam ser mais própria a forma *mistiço* por parecer “misto, mistura” ou ainda, “o mesmo que mista geração”.

Ainda, encontramos exemplos como *Sifizeraõ* e *Sefizeram*, que aparecem nos contextos:

Quadro 3 - *Sifizeraõ* e *Sefizeram*.

<i>Sifizeraõ</i>	“eSifizeraõ as deligencias necessarias q man   da nossas Constituições.”	1722, 4 v.	Joam da Silva Ribeiro
<i>Sefizeram</i>	“Sem Sedesco   brir impedimento onde Sefizeram perguntas aos Contra   entes”	1743, 50 r	Joam Gomes deSouza

Fonte: Elaboração própria.

Tais exemplos permitem-nos inferir que a variação do clítico *se/si* é influenciada pela vogal alta <i> seguinte (“fizeram”), causando o alteamento. Mattos e Silva (1989, p. 74-75) encontra a variação <e>, <i> em pronomes pessoais monossílabos em posição não acentuada no sintagma, informando que a variação em <e> poderia refletir as grafias do acusativo e as grafias em <i>, do dativo latino.

Esses exemplos são dados interessantes, pois os *scriptores* interpretam o pronome com o verbo como uma única palavra, isto é, como uma palavra prosódica<sup>14</sup>. Grosso modo, a vogal do pronome, /e/, torna-se pretônica e aplica-se a regra em detrimento da vogal alta, /i/, do verbo, resultando em *sifizeram*. Além disso, esse dado só reitera que o status do clítico é de forma dependente.

Nunes (1945, p. 60) nos diz que “é já muito antiga na língua a troca do *i* átono por *e*, principalmente em sílaba inicial da palavra seguida de outra em que haja também *i* (dissimilação)”. O autor ainda informa que a troca do uso das grafias está também nos hábitos das pessoas cultas e que a pronúncia é reproduzida na grafia.

Com os dados da Tabela 2, observaremos a variação das vogais em posição pretônica <o>, <u> para melhor visualização das ocorrências encontradas no corpus.

<sup>14</sup> Não é nossa intenção nos debruçarmos sobre essa questão. Nosso intuito maior é mencionar que já era possível notar a ocorrência desse fenômeno em séculos passados. Sobre palavra prosódica, sugerimos a leitura da teoria da Fonologia Prosódica, desenvolvida por Nespor e Vogel (1986).



Tabela 2 – Vogais em posição pretônica &lt;o&gt;, &lt;u&gt;.

Vocábulo	Ocorrências	Bluteau (1728)	Feijó (1734)	Guérios (1979)
<i>Orubú</i>	05			
<i>Orubu</i>	03			
<i>Urubú</i>	199	-	-	-
<i>Urubu</i>	129			
<i>Molber</i>	135	“mulher”	“mulher”	-
<i>Mulber</i>	110			
<i>Monis</i>	02	-	-	“Muniz”
<i>Munis</i>	02			
<i>Costodio</i>	01			
<i>Costodia</i>	04	-	-	“Custódio,-a”
<i>Custodia</i>	01			
<i>Natorais</i>	01	“Natural”	“naturáes”	-
<i>Naturais</i>	119	“naturaes”		
<i>descobrir</i>	114	“descobrir”	“Cobrir”	-
<i>descubrir</i>	91		“descobrir”	

Fonte: Elaboração própria.

Nos exemplos *Urubu*<sup>15</sup>, *Orubu*<sup>16</sup>, o abaixamento na vogal em posição inicial absoluta, que tem a representação gráfica variável, está seguido de vogal alta na sílaba vizinha. De acordo com Mattos e Silva (1989, 2006), a vogal alta na sílaba seguinte poderia ser considerada um elemento condicionador do resultado da hipercorreção ocorrida em *Orubú*.

Quanto ao uso do diacrítico circunflexo em *Urubú* e *Orubú*, Assis e Silva (2021), em estudo sobre os sinais diacríticos em assentos de casamentos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo do Rio São Francisco do século XVIII, identificaram que o uso do circunflexo nos vocábulos *Urubú* e *Orubú* indicavam a tonicidade da vogal não só em vogais de som fechado como em vogais de som aberto no documento analisado.

No caso da variação ocorrida em *molber*, Fernão de Oliveira (1536, p. 25) traz a explicação de que há semelhança e proximidade em algumas vogais, como é o caso do <u> e <o>, como nos exemplos “somir” e “sumir”, “dormir” e “durmir” e “bolir” ou “bulir”. Por sua vez, Feijó (1734) registra exemplos como “abondar”, “acentoar”, “acepelhar”, sinalizando a variedade na realização das vogais médias e sinaliza a forma

<sup>15</sup> Do tupi *uru'yu* (Cunha, 2012, p. 663).

<sup>16</sup> *Urubú* e *Orubú* são variantes aceitas pelo *Dicionário Histórico do Português do Brasil* (DHPB). Disponível em: <https://dicionarios.fclar.unesp.br/dhpb/busca/>. Acesso em 23/01/2022.

“mulhér” e “mulheres”, de “mulier”, e não “molher” e “molheres” (Feijó, 1734, p. 407).

De acordo com Mattos e Silva (2006, p. 60), encontra-se a grafia <o> e <u> em itens esporádicos do léxico, como “logar/lugar”; “molher/mulher”; “soterrar/suterrar”, a que não se pode aplicar uma regra de condicionamento fonético do tipo assimilatório, como o exemplo *natorais* que provavelmente indica uma hipercorreção.

Em relação aos antropônimos *Costódio*, *Costódia* e *Monis*, a obra de Guérios (1979, p. 98; 181) traz a grafia “Custódio”, baseado no latim *custodia*: “guarda, vigilância” e para o sobrenome português, apresenta a grafia “Muniz”, de étimo obscuro, mas provavelmente de origem ibérica. O autor também apresenta a tradução do basco *muñ*: “beijo, marca” e *muño*: “colina outeiro”, e acrescenta proceder de Egas Moniz, aio de El-Rei D. Afonso Henriques.

Para o vocábulo *descubrir*, as ocorrências estão em contextos semelhantes, como mostra o Quadro 4:

Quadro 4 – *Sedescobrir* e *Se descobrir*.

<i>descobrir</i>	“Sem Sedescobrir empe   dim. <sup>to</sup> emp. <sup>te</sup> nenhuá”	1741, 47 r.	Joam Gomes de Souza
<i>descubrir</i>	“Sem Se descobrir impedimento”	1728, 11 v.	Joachim de Souza

Fonte: Elaboração própria.

No referido vocábulo, o alteamento, uso de <u> onde seria <o>, é influenciado pela vogal alta na sílaba seguinte. Na obra de Feijó (1734, p. 242), o autor apresenta a forma “cobrir” e não *cuprir*, conforme a origem no latim *cooperire*. No entanto, Feijó (1734, p. 242) chama a atenção para a conjugação no presente, que se diz: “eu cubro, tu cobres”, indicando essa mudança como influência na variação do verbo *cobrir*, *cuprir* e, conseqüentemente, seus derivados.

## 7.2 Ocorrência dos processos fonológicos nos vocábulos dos assentos

Na seção anterior, mostramos que os assentos apresentavam variação na grafia de alguns vocábulos, com a hipótese de que essas variações eram marcas da oralidade. Uma curiosidade importante sobre os assentos é que eles, como já descrito na seção 5, são textos considerados formais para a época, ou seja, eram utilizados como documentos. Além disso, eram escritos pelos vigários – que detinham instrução escolar e prática de escrita.

Nesse sentido, os dados encontrados na investigação do objeto de pesquisa deste artigo são bastante similares aos que Magalhães (2013) investigou em cartas pessoais e documentos oficiais dos séculos XVIII e XIX. Como o autor afirma, há “total ausência de linearidade entre alçamento e abaixamento” (Magalhães, 2013, p. 45). Sendo assim, fizemos uma classificação dos vocábulos analisados na seção anterior, de acordo à variação das pretônicas médias e altas, buscando investigar os processos envolvidos nessas situações. Para tanto, como já dito anteriormente, baseamos nossas análises em Magalhães (2013). A respeito da variação das pretônicas /e/ e /i/, temos a ocorrência dos seguintes processos fonológicos:

Quadro 5 – Ocorrência dos processos fonológicos nos vocábulos encontrados nos assentos.

Variação das vogais pretônicas /e/ e /i/		
Processo fonológico	Vocábulo	Variação do vocábulo
Harmonia vocálica	<i>Felipe</i>	<i>Filipe</i> <i>Phelipe</i>
	<i>Felipa</i>	<i>Philipa</i>
	<i>mestiço</i>	<i>mistiço</i> <i>mistiça</i>
	<i>sefizeram</i>	<i>sifizeraõ</i>
Elevação sem motivação aparente	<i>encomendado</i>	<i>imcomendado</i> <i>incomendado</i> <sup>17</sup>
Contra-alimentação	<i>diligencia</i>	<i>deligencia</i>
Abaixamento	<i>impedimento</i>	<i>empedimento</i>
	<i>dispensa</i>	<i>despensa</i>
	<i>dispensado</i>	<i>despensados</i> <i>despensados</i>

Fonte: Elaboração própria.

A partir da análise do Quadro 5, é possível apontar que a forma como os vocábulos foram grafados pode ser uma coincidência de como as vogais são produzidas na fala. A variação dessas vogais pretônicas expressa, justamente, uma motivação bastante comum na fala e a análise feita por meio dos quatro processos fonológicos evidencia melhor essa constatação. O mesmo argumento pode ser feito acerca do Quadro 6 das vogais /o/ e /u/, a seguir:

<sup>17</sup> O alteamento da vogal /i/ na palavra *encomendado* pode ser decorrente de harmonia vocálica desencadeada pela presença da vogal [u] na sílaba [ku] que ocorre na fala sem registro na escrita.

Quadro 6 – Ocorrência dos processos fonológicos nos vocábulos encontrados nos assentos.

Variação das vogais pretônicas /o/ e /u/		
Processo fonológico	Vocábulo	Variação do vocábulo
Harmonia vocálica	<i>descobrir</i>	<i>descubrir</i>
Elevação sem motivação aparente	-	-
Contra-alimentação	<i>urubu</i>	<i>orubu</i> <i>orubú</i>
	<i>Muniz</i>	<i>Monis</i>
Abaixamento	<i>mulher</i>	<i>molber</i>
	<i>Custódio(a)</i>	<i>Costodio</i> <i>Costodia</i>
	<i>naturais</i>	<i>natorais</i>

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 6 corrobora, ainda mais, o argumento de que as formas como os vocábulos foram grafados sejam indícios da oralidade. Diferentemente do Quadro 5, onde houve exemplos para todos os processos, não encontramos nenhum vocábulo com ocorrência do processo de elevação sem motivação aparente. A respeito disso, Magalhães (2013, p. 49) explana que “trabalhos de natureza diacrônica que utilizaram dados de fala espontânea do português brasileiro têm demonstrado que atualmente a variação entre [e]/ [i] é muito mais latente do que entre [o]/[u]”.

FLP 23(2)

### 7.3 Forma escrita ou forma falada?

Os resultados, apresentados nas seções anteriores, apontaram que há uma tendência de variação das vogais pretônicas na forma como os *scriptores* escreviam os assentos. Sendo assim, ao partirmos do fato de que havia essa variação num registro escrito, consideramos que ocorre uma flutuação entre a forma dicionarizada e a forma falada. Dito isso, mediante aos dados apresentados nas subseções 7.1 e 7.2, fica o questionamento: Há uma maior tendência desses *scriptores* seguirem o dicionário ou seguirem a oralidade?

A partir do levantamento dos dados, compilamos o número de ocorrências dos vocábulos para observar qual forma, dicionarizada ou oral, era mais usada nos assentos. Obtivemos 873 ocorrências de palavras dicionarizadas e 273 ocorrências de como eram, possivelmente, faladas naquele contexto. O gráfico abaixo descreve esses resultados.



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 1 – Vocábulos com grafias dicionarizadas e grafias como possível registro da oralidade.

Por meio da observação do Gráfico 1, é possível inferir que há uma flutuação entre as formas dicionarizada e falada. No entanto, a proporção mostra que há mais dados que são concordantes com a forma escrita já padronizada na época. Esses resultados são coerentes, pois o século XVIII não tinha uma forte normatização da escrita, mas os manuais ortográficos, gramáticas e dicionários já eram fortes indícios da tentativa de padronização da escrita. Além disso, outro fato importante que justifica o maior número de formas dicionarizadas, é que os *scriptores* dos assentos, aqui analisados, eram escolarizados, ou seja, sua escrita era fortemente influenciada pelos textos escritos que circulavam na época.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

FLP 23(2)

Neste artigo, procuramos investigar o quadro das vogais pretônicas em assentos de casamentos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de baixo do Rio São Francisco do século XVIII. Ao investigar tais vogais, verificamos a ocorrência de processos fonológicos, como alçamento e abaixamento, acarretando a variação.

Nossa hipótese, de que os *scriptores* exaravam suas escritas, sob influência da fala, parece ter se confirmado apenas parcialmente, uma vez que houve maior ocorrência de palavras que seguiam a padronização dicionarizada. Por outro lado, houve diversas ocorrências da variação dos vocábulos analisados neste trabalho. Esses registros escritos tendem a ser marcas traçadas na oralidade, pois a implementação de processos fonológicos, como os que aqui foram analisados, estão, comumente, presentes na língua falada.

Faz-se necessário esclarecer que nossas constatações não são impositivas e estão longe disso. Contudo, diversos trabalhos em Linguística Histórica e Fonologia diacrônica – muitos deles discutidos neste artigo – evidenciaram que as marcas da oralidade em registros gráficos de séculos passados pareciam ser uma realidade.

Nossos resultados evidenciam que, já no século XVIII, período em que se tem uma padronização incipiente da ortografia com os manuais ortográficos, gramáticas e dicionários, a variação da escrita das vogais pretônicas é menos recorrente, bem como evidenciam que a organização do sistema vocálico pretônico atual já está também com essa configuração nesse século.

**REFERÊNCIAS**

- Anthony L. Lawrence Anthony Website (AntConc). [citado 15 jun. 2020]. Disponível em: <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/index.html>.
- Assis LB, Silva JAA. Assentos de casamentos do sertão do São Francisco (1719-1753): considerações sobre os sinais diacríticos agudo, circunflexo e til. *A cor das letras*. 2021;22(1):370–389.
- Baia, Arcebispo. Constituições primeyras do Arcebispo da Bahia feytas, & ordenadas pelo Illustríssimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteyro da Vide, Arcebispo do dito Arcebispo, & do Conselho de Sua Magestade, propostas, e aceytas em o sínodo Diecesano que o dito Senhor celebrou em 12 de junho de 1707. Lisboa Occidental: na Oficina de Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade; 1719. [citado 20 jun. 2020]. Disponível em: <http://purl.pt/24092>.
- Barbosa JS. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza ou princípios da grammatica geral applicados à nossa linguagem*. 5.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias; 1871[1822].
- Barretto JF. *Ortografia da Língua Portugueza*. Lisboa: Officina de Ioam da Costa; 1671. [citado 15 jun. 2020]. Disponível em: <http://purl.pt/18>.
- Barros JD'A. *Fontes Históricas – introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis: Editora Vozes; 2019.
- Barros J. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m], Typographum; 1540. [citado 15 jul. 2020]. Disponível em: <http://purl.pt/12148>.
- Bisol L. *Harmonização vocálica: uma regra variável* [tese]. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1981.
- Bisol L, Magalhães JS. A redução vocálica no português brasileiro: avaliação via restrições. *Revista da Abralín*, 2004;3(1-2):195-216.
- Bluteau R. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus; 1728. [citado 10 jul. 2021]. Disponível em: <http://purl.pt/13969>.
- Callou D, Leite Y, Coutinho L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no Rio de Janeiro. *Organon*. 1991;5(18):71-78.
- Camara Jr. JM. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes; 1970.
- Coutinho IL. *Gramática histórica*. 7.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; 1976 [1938].
- Cunha AG. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexicon; 2012.
- Dicionário histórico do português do Brasil (DHPB): séculos XVI, XVII e XVIII*. Araraquara: FCL-UNESP; 2021.
- Eckert P, McConnell-Ginet S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: Ostermann AC, Fontana B, organizadores e tradutores. *Linguagem. Gênero. Sexualidade. Clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial; 2010. p. 93-107.
- Feijó JMM. *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portuguesa*. Lisboa Occidental: na Officina de Miguel Rodrigues, Impressor do Senhor Patriarca; 1734. [citado 01 fev. 2021]. Disponível em: <http://purl.pt/13>.
- Gândavo PM. *Regras que ensinam a maneira de escrever a orthographia da lingua portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa; 1574. [citado 01 fev. 2021]. Disponível em: <http://purl.pt/324>.

FLP 23(2)

Guérios RFM. Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes. 3.<sup>a</sup> ed. rev. e amp. São Paulo: Ave Maria; 1979.

Hora D, Santiago S. Vogais pretônicas no Norte do Brasil: o falar de Macapá. In: Ramos J, organizador. Estudos sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG; 2006. p. 21-36.

Kemmler R. Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até a reforma ortográfica de 1911. Lusorama. Revista de Estudos sobre os Países de Língua Portuguesa. 2001;47-48:130-319.

Lass R. Historical Linguistics and language change. Cambridge: Cambridge University Press; 2000.

Leão DN. Orthografia da Língua Portuguesa: Obra vtil, & necessaria, assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol, como a Latina, & quaesquer outras, que da Latina teem origem, Item hum tractado dos pontos das clausulas. Lisboa: Per João de Barreira, Impressor del Rei N. S.; 1576. [citado 03 jul. 2020]. Disponível em: <https://purl.pt/15>.

Livro n.º 1 de Registros de Casamentos da Freguesia de Santo Antônio do Urubu de Baixo (1719-1953). Arquivo da Cúria Diocesana de Bom Jesus da Lapa – Bahia.

Magalhães J. Alçamento das vogais pretônicas nos séculos XVIII e XIX. Revista do GELNE. 2013; 15(spe):35-51.

Mattos e Silva RV. Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda; 1989.

Mattos e Silva RV. O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Editora Contexto; 2006.

Mattos e Silva RV. Caminhos da Linguística Histórica: “ouvir o inaudível”. São Paulo: Parábola Editorial; 2008.

Montgomery M. Variation and historical linguistic. In: Bayley R, Lucas C, editors. Sociolinguistic Variation: Theories, Methods, and Applications. Cambridge: Cambridge University Press; 2007. p. 110-132.

Nespor M, Vogel I. Prosodic phonology. Dordrecht: Foris; 1986.

Nunes JJ. Compêndio de gramática histórica portuguesa. 5.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Clássica; 1945.

Oliveira F. Grammatica da linguagem portuguesa. Lisboa: e[m] casa d’Germão Galharde; 1536. [citado 10 fev. 2021]. Disponível em: <http://purl.pt/120>.

Schneider EW. Investigating historical variation and change in written documents: new perspectives. In: Chambers JK, Schilling N, editors. The handbook of language variation and change. 2nd ed. Chichester-West Sussex: WileyBlackwell; 2013 [2002]. p. 57-81.

Silva MB. Vogais pretônicas no Brasil: uma proposta de descrição a partir da fala de Salvador. São Paulo: Blucher; 2021.

Vera AF. Orthographia ou modo para escrever certo a língua portuguesa. Lisboa: Mathias Rodriguez; 1631. [citado 20 jun. 2020]. Disponível em: <http://purl.pt/12>.

Verney LA. Verdadeiro método de estudar: para ser util à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal. Oficina de Antonio Balle; 1746. [citado 01 jun. 2020]. Disponível em: <http://purl.pt/118>.